

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FACH  
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ARYANE DA SILVA SIQUEIRA

**EM DEFESA DA TRINDADE EM SANTO AGOSTINHO**

CAMPO GRANDE/MS  
2025

ARYANE DA SILVA SIQUEIRA

**EM DEFESA DA TRINDADE EM SANTO AGOSTINHO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – FACH, curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Orientador:** Prof. Dr. Ronaldo Amaral

## RESUMO

Este trabalho visa discorrer sobre a questão trinitária pela perspectiva agostiniana, isto é, o único Deus em três pessoas distintas – Deus que é ao mesmo tempo Pai, Filho e Espírito Santo –, identificando a partir das três hipóstases, entre estudos gregos e cristãos, a semelhança e suas devidas particularidades que cada doutrina levanta acerca da metafísica do Uno ou o Bem, da Inteligência e da Alma no pensamento neoplatônico; da substância/essência de Deus e suas relações distintas; e da imagem de Deus, a fim de ter uma visão mais específica dessa temática. A partir da obra *A Trindade*, de Santo Agostinho, observou-se que seu autor, no contexto vivido, elaborou um marco para os estudos no campo filosófico (por meio da filosofia grega) e teológico (por meio da revelação judaico-cristã). Destacam-se três autores relevantes para esta pesquisa: Étienne Gilson, prestigiado comentador das obras agostinianas; Ronaldo Amaral, que traz uma análise entre a filosofia platônica e a filosofia cristã; e Roque Frangiotti, o qual aborda em seus escritos as querelas cristológicas – os três profundamente consultados, trazendo um importante entendimento para o desenvolvimento deste estudo. Ainda, este trabalho foi baseado no conceito filosófico do Logos como Verbo, que é o Filho, a segunda pessoa da Trindade, podendo, dessa forma, contribuir por meio do pensamento grego a parte racional que a fé cristã não consegue explicar. Assim, por meio desta análise, há o contraste entre a filosofia grega e a cristã, cada uma com as suas particularidades. A filosofia grega, por meio da razão, interpreta a atuação da Trindade e a unidade de Deus. Já a perspectiva cristã, a partir da fé, argumenta que o divino é a unidade trinitária. Por fim, ao estudar e ao refletir a Trindade de Agostinho, foi possível chegar ao seguinte resultado: por mais que se fale acerca de Deus uno e trino, esgotar-se-á as palavras para se expressar com precisão o que é Deus, mesmo a partir da iluminação divina. É uma busca insaciável a qual Agostinho, bispo de Hipona, percorre em toda a sua obra. Para o autor, conhecer a Deus para o amar significa que é necessário olhar para dentro de si, a fim de se conhecer verdadeiramente – e uma vez assim fazendo, conseqüentemente, conhecerá a Deus. Logo, os gregos têm esse mesmo anseio: conhecer a si mesmo para se obter o verdadeiro conhecimento.

**Palavras-chaves:** Deus; Logos; Trindade; Neoplatônico.

## ABSTRACT

This study aims to discuss the Trinitarian question from the Augustinian perspective – one only God in three distinct persons: God who is at once Father, Son, and Holy Spirit –, identifying, through the three hypostases and in dialogue with Greek and Christian studies, the similarities and particularities that each doctrine raises concerning the metaphysics of the One (God) or the Good, of the Intelligence, and of the Soul in Neoplatonism; the substance/essence of God and His distinct relations; and the image of God, in order to obtain a more specific view of this theme. Based on the work *The Trinity* by Saint Augustine, it is observed that the author, in the context in which he lived, established a milestone for studies in the philosophical field (through Greek philosophy) and in the theological field (through Judeo-Christian revelation). Three authors stand out as relevant to this research: Étienne Gilson, a renowned commentator on Augustinian works; Ronaldo Amaral, who presents an analysis between Platonic and Christian philosophy; and Roque Frangiotti, who addresses Christological controversies in his writings – all of whom were extensively consulted and provided important insights for the development of this study. Furthermore, this work is grounded in the philosophical concept of the Logos as the Verbum, that is, the Son, the second person of the Trinity, thus contributing, through Greek thought, a rational aspect that Christian faith alone cannot fully explain. Through this analysis, a contrast is drawn between Greek and Christian philosophy, each with its own particularities. Greek philosophy, through reason, interprets the operation of the Trinity and the unity of God. Christian thought, on the other hand, argues from faith that the divine is the Trinitarian unity. Finally, by studying and reflecting on Augustine's Trinity, the following conclusion was reached: however much one speaks of the one and triune God, words will always fall short in expressing with precision what God is, even under divine illumination. It is an insatiable quest that Augustine, Bishop of Hippo, pursues throughout his work. For the author, to know God in order to love Him means that one must look within oneself to truly know oneself – and in doing so, will consequently come to know God. Likewise, the Greeks share this same longing: to know oneself in order to attain true knowledge.

**Keywords:** God; Logos; Trinity; Neoplatonism.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. CONTEXTO NO QUAL ENCONTRA-SE AGOSTINHO .....</b>	<b>9</b>
<b>3. AS RELAÇÕES ENTRE O CRISTIANISMO DE AGOSTINHO E O NEOPLATONISMO DE PLOTINO .....</b>	<b>14</b>
<b>4. TRATADO DA TRINDADE .....</b>	<b>20</b>
<b>5. A IMAGEM DE DEUS .....</b>	<b>26</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso visa apresentar ao leitor o pensamento agostiniano acerca da Trindade. Sua obra máxima, *A Trindade*, em um primeiro momento, imputa alguma dificuldade ao leitor em função da quantidade de páginas apresentada por Santo Agostinho (354-430). No entanto, no decorrer da leitura, percebe-se que, de fato, se faz necessário o cuidado que o autor tem para com o seu leitor, a fim de que ele possa entender um tema tão complexo, como Agostinho enfatiza em várias passagens. Outro aspecto de suma importância são as notas complementares das edições críticas, essenciais para entender o contexto em que Agostinho se encontra.

Dois momentos fizeram com que o autor escrevesse sua obra. No primeiro deles, Agostinho empreende sua dedicação a partir da sua angústia em conhecer, explicar e amar Deus. Já no segundo momento ele vai rebater as teorias acerca das pessoas de Deus que ele considerará heréticas em relação à perspectiva da Trindade, mais especificamente sobre a segunda pessoa da Trindade, o Filho.

Agostinho se converteu ao catolicismo após ouvir as homilias de Ambrósio (340-397), bispo de Milão. Ambrósio era uma pessoa erudita e foi quem apresentou, além das Escrituras, as quais já eram conhecidas por Agostinho, o neoplatonismo de Plotino (205-270), por meio de seu discípulo Porfírio (234-305), responsável por colocar no papel a filosofia plotiniana e difundi-la.

Entre as várias heresias, o arianismo era uma preocupação constante para Agostinho, que na época já ocupava o cargo de bispo em Hipona, mesmo depois de muitos anos do Concílio de Niceia, em 325 d.C., e da definição do dogma da Trindade. Ele se dedicou fervorosamente à defesa da Igreja contra essas e outras crenças errôneas, entre as quais destacam-se o pelagianismo, o donatismo, o monofisismo e a iconoclastia.

A Trindade é de fundamental importância no mundo cristão, e os argumentos utilizados por Agostinho visam não restar dúvidas a respeito de Deus uno e trino e da divindade de Jesus. Em resumo, a Trindade é, ao mesmo tempo, Pai, Filho e Espírito Santo, os quais têm a mesma substância ou essência, porém, não deixam de ser um único Deus. Isto é, a presença de um Deus que se faz presente em três pessoas distintas.

Na obra, a Trindade vai sendo organizada por Agostinho, ponto a ponto, premissa por premissa, urdindo aquela que será a doutrina católica, isto é, as correntes filosóficas e teológicas

de seu tempo às Escrituras Sagradas, notadamente com o pensamento da filosofia grega dos neoplatônicos.

Na concepção de *A Trindade*, Agostinho provavelmente demorou 20 anos para escrevê-la de forma completa. Datada de 399 a 419, ela se refere aos seus 15 livros, tendo em sua íntegra 724 páginas, passando pelas notas complementares e pela bibliografia. Como obra tão trabalhosa e fundamental que é, Agostinho deixou, por meio dela, um legado acerca da questão trinitária, muito importante tanto na filosofia quanto na teologia.

O leitor não tem dúvidas da dificuldade e da complexidade do mistério trinitário abordado por Santo Agostinho. Em vários momentos, o autor recorre à inspiração divina, em forma de oração, súplica e poesia, clamando pelo auxílio da iluminação para tal empreitada, para que Deus possa lhe dar a graça da sabedoria, por meio do intelecto.

Assim, Agostinho fez uma longa busca pelo incompreensível de Deus por meio do intelecto, unindo fé e razão para chegar, enfim, ao mistério trinitário. Em primeiro lugar, é necessário ter fé, para posteriormente poder entender as relações com o divino. Desse modo, quanto mais se procura por Deus (por meio da fé) com a ajuda da inteligência (por meio da mente/do pensamento, mais se consegue entender para amar cada vez mais a Deus. Ou seja, o conhecimento de si está vinculado ao conhecimento de Deus e o amor a si está vinculado ao amor de Deus. Logo, a graça divina é quem ilumina a mente humana, para poder contemplar e visar os bens eternos.

## 2. CONTEXTO NO QUAL ENCONTRA-SE AGOSTINHO

Aurélio Agostinho nasceu em Tagaste, no norte do continente africano. Viveu no período da ocupação romana, tendo estudado filosofia, lógica e retórica, tornando-se, assim, um prestigiado professor de retórica. Considerado um dos Padres da Igreja Primitiva, foi um importante pensador da filosofia patrística no período antigo, momento em que a Igreja passava por uma extensa organização e investigação acerca dos seus fundamentos doutrinários.

Em razão de seus questionamentos sobre a natureza do bem e do mal, Agostinho se torna um maniqueísta divergindo de sua mãe, Mônica, que professava o cristianismo como sua crença. A doutrina maniqueísta trazia uma realidade dualista entre bem e mal, luz e trevas, e esses dois opostos entravam, em sua maioria, em choque, pois a luz seria semelhante a Deus, enquanto as trevas provinham diretamente do mal. Segundo Franklin Ferreira (2015),

para os maniqueus, o universo físico se originou das trevas, enquanto a alma humana é produto da luz. Essa teoria também tentava explicar a origem do mal e negava a responsabilidade pelas ações mais cometidas – pois elas eram originadas pelas trevas (Hoffecker, *apud* Elwell, p. 471-472).

Agostinho acabou por abandonar o maniqueísmo por levantar muitas questões das quais nem todas eram respondidas. Ele conheceu, então, o bispo Ambrósio de Milão<sup>1</sup>, que o agradou bastante em virtude de sua retórica nos seus sermões, além do modo alegórico com o qual apresentava os ensinamentos de Jesus, ouvidos por uma grande multidão. Ademais, ao acompanhar as pregações de Ambrósio, Agostinho se converte ao cristianismo.

Ainda, Agostinho teve contato com obras neoplatônicas, sobretudo por meio de Mário Vitorino<sup>2</sup> (280/285-363), que teve participação na construção do pensamento sobre a Trindade

---

<sup>1</sup> Da equanimidade do seu governo é prova a eleição de Ambrósio para bispo de Milão, como sucessor do ariano Auxêncio, tanto da parte dos arianos como dos católicos. Foi batizado e uma semana depois consagrado bispo [...]. A apressada preparação que precedera sua consagração episcopal foi completada – sob guia constante de Simpliciano – com o estudo sistemático da Bíblia, estudo que perdurou por toda a sua vida e de cuja intensidade e assiduidade Agostinho foi testemunha (Confissões, livro VI, capítulo 3, versículo 3). A compreensão da Escritura se tornou mais profunda graças ao conhecimento dos escritos dos Padres gregos, de autores judeus e pagãos, como Fílon e Plotino. Esse estudo, unido à meditação da Palavra de Deus, está na base do seu pensamento teológico, moral, ascético, político e social e é, portanto, a fonte de sua atividade de pastor e pregador (Berardino, 2002, p. 83).

<sup>2</sup> Africano de origem, foi professor de retórica, estabelecendo-se em Roma. Por volta de 355, em idade avançada, converteu-se ao cristianismo. Escreveu muitas obras, tanto antes quanto depois da conversão. As do primeiro período são de cunho gramatical e filosófico (entre elas comentários às obras de Cícero e Aristóteles e traduções de Aristóteles, Porfírio e talvez Plotino) (Berardino, 2002, p. 891).

e foi considerado “o primeiro autor latino a conhecer tanto Plotino quanto Porfírio [234-305]” (Rist, 2017, p. 463).

Do mesmo modo, o bispo de Hipona se colocou em defesa da Igreja e da fé cristã ao escrever para combater as heresias. Heresia, nesse contexto, é uma doutrina, um sistema ou uma opinião em sentido contrário a uma crença. No cristianismo, mais precisamente no catolicismo, heresia é uma doutrina que contraria a fé católica, na qual a Igreja estabelece como dogma algum assunto. Uma vez proclamado dogma, é indiscutível, inquestionável, irrefutável. Ou seja, após anunciado o dogma, não se pode ir contra essa verdade de fé – caso contrário, comete-se uma heresia.

Uma das mais antigas seria o arianismo, enquanto outras mais contemporâneas seriam os maniqueístas, os donatistas e os pelagianos, os quais foram fortes correntes filosóficas teológicas em seu tempo. Agostinho também escreveu sobre temas variados, e vale ressaltar aqui algumas de suas obras mais conhecidas, como *Confissões*, que é a sua autobiografia, além de *A Trindade*, tema abordado neste trabalho. Já em *A Cidade de Deus*, a obra é considerada um esforço para fazer uma análise da história cristã, enquanto o *Livre Arbítrio* fala sobre a liberdade nas decisões dos homens – sem falar de inúmeras obras exegéticas, comentários bíblicos e um epistolário.

A doutrina ariana, a qual foi instituída por Ário (256-260), presbítero de Alexandria no Egito, ganhou muita força em virtude de sua credibilidade tanto no meio do clero quanto fora dele. Assim, ela ganhou muitos adeptos aos quais os seguiram, mesmo após a sua morte. Sua tese ariana visava apenas a humanidade de Jesus, e não a sua divindade em união ao Pai. O arianismo faz o seguinte apontamento:

Afirmava a existência de um único Deus, o Pai, eterno, absoluto, imutável, incorruptível. Esse Ser Supremo e Absoluto não pode comunicar, segundo sua concepção, seu Ser, nem mesmo parcelas dele, nem por criação nem por geração. Se Deus não é corpo, não pode ser composto, divisível. Assim, é impossível a Deus gerar um filho. Tudo o que está fora dele, portanto, foi criado do nada. Tudo o que existe fora do Deus Absoluto, eterno, inciado, incomunicável, são meras criaturas. Para criar um mundo, o Deus Supremo criou antes um ser intermediário, para servir de instrumento da criação. Esse ser intermediário é o Logos<sup>3</sup>. O Logos é superior e

---

<sup>3</sup> Fílon de Alexandria [10 a.C.-50 d.C.] fez a união da filosofia grega com a teologia judaica. Na filosofia grega, o Logos adquiriu significado metafísico de princípio autorrealizável do universo. Em Heráclito [século V a.C.], é a racionalidade do processo universal, a lei das mutações. Fecundado pela teologia aristotélica, o Logos se tornou, no estoicismo, o princípio dinâmico racional ativo do universo e nas suas partes (logos *spermátikos*), meio de comunicação com o divino; concepção que se faz religiosa no estoicismo popular e no sincretismo helenístico. Em Fílon, o Logos é o universal ativo e inteligente, instrumento e desígnio de Deus, o único mediador entre Deus e suas criaturas. Sob o aspecto soteriológico [estudo da salvação do homem], este é indicado com a Sabedoria e com a Palavra de Deus. Fílon o chama ‘Deus’ (Theos), sem artigo, em oposição a ‘ó Theos’, com artigo, isto é, ser divino, mas diz isso também de certos homens que receberam diretamente a iluminação divina. Antes de criar o mundo físico, Deus criou o ‘cosmo inteligível’, isto é, as ideias, como modelo ideal (cf. Pr. 8:15-22). Esse ‘cosmo

anterior a todas as criaturas, mas não é eterno. É o primogênito de todas as criaturas, a mais excelente de todas, acima de todo o criado, mas não é igual a Deus. Se Jesus foi gerado, quer dizer que houve um tempo, um instante ao menos, em que não era, razão pela qual não pode ser coeterno nem consubstancial. Para ele, embora representando o sumo da humanidade, Jesus era somente uma criatura, receptáculo do Logos (Frangiotti, 2007, p. 86-87).

Na perspectiva do donatismo, movimento religioso cristão que surgiu no Norte da África, os donatistas sustentavam que a Igreja não deveria acolher nem perdoar pecadores, além de acreditarem que os sacramentos realizados por cristãos que renunciaram à sua fé durante a perseguição do então imperador romano Diocleciano eram nulos. Agostinho refutou esse pensamento, defendendo a unidade da Igreja Católica com base em sua teologia da igreja, sacramentos e divergentes religiosos por parte do Estado (Bernadino, 2002, p. 426).

Já os pelagianos visavam exaltar “a natureza humana como capaz, por si só, da prática das virtudes” (Frangiotti, 2007, p. 113), ao significar não ser necessário ao ser humano a graça de Deus para a sua salvação e para os atos de virtudes. A doutrina pelagiana foi condenada pelo papa Zózimo no Concílio de Cartago, em 417.

Vale ressaltar que a discussão no que diz respeito ao Filho, a segunda pessoa da Trindade, fora tão forte que estava abalando a política e a religiosidade do Império Romano e que foi necessário o imperador Constantino intervir, pois “quis restabelecer a paz e a unidade abaladas pela crise ariana” (Frangiotti, 2007, p. 91). Observa-se que, em 325, Constantino estabeleceu pessoalmente o Primeiro Concílio de Niceia, para pôr fim a esse desentendimento e entrar em consenso sobre a unidade trinitária, no qual se reuniram em torno de 300 bispos para debater a divindade de Jesus.

O Concílio de Niceia teve como finalidade a resolução que o arianismo trazia sobre a questão pascal, proclamando o primeiro dogma da Igreja, ou seja, o dogma da Santíssima Trindade. Dogmas são afirmações oficiais de crenças vistas como verdades absolutas essenciais para a fé católica, oferecendo orientação e unidade aos fiéis em meio a uma diversidade de opiniões e interpretações. Contudo, alguns pontos não conseguiram ser, de fato, consolidados nesse primeiro concílio, e mais tarde, em 381, foi necessária a realização de um novo encontro: o Concílio de Constantinopla.

---

inteligível’ não é outro que o Logos de Deus, pelo qual cria o mundo (no esquema platônico, as ideias se tornaram definitivamente pensamentos de Deus presentes no Logos ou coincidem com ele). É Filon quem, pela primeira vez, hipostasia a noção do Logos, isto é, distingue o Logos de Deus a ponto de fazer dele uma hipóstase e denominá-lo ‘Filho primogênito do Pai incriado’, um ‘Segundo Deus’, e ‘Imagem de Deus’ (para Paulo, ele é ‘imagem visível do Deus invisível’), causa instrumental de toda a criação. Assim, Filon fala do Logos como ‘arcanjo’, ‘mediador’ entre Criador e criatura, arauto da Paz de Deus (Frangiotti, 2007, p. 83, grifo do autor).

Pode-se mencionar que, no Concílio de Constantinopla, foram discutidas algumas definições de termos em relação ao Filho, a segunda pessoa da Trindade, as quais não haviam sido estabelecidas em Niceia, o que dificultou a compreensão das pessoas. Além disso, também houve o debate sobre a divindade da terceira pessoa trinitária, o Espírito Santo.

Outro fator importante é que, anterior ao Concílio de Niceia, uma pequena oração feita habitualmente foi alterada, porque Ario a refutava veementemente. Ele acreditava que essa oração inferiorizava Jesus em relação ao Pai, o vendo como um homem criado pelo Pai, e não como o Deus verdadeiro.

Concomitante a isso, a oração que antecipava o Concílio de Niceia dizia a seguinte expressão: “Glória ao Pai pelo Filho no Espírito Santo, pelo Cristo Senhor nosso”. Após o primeiro concílio, o sentido da oração mudou completamente, permanecendo assim até a atualidade: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, por Cristo Senhor nosso”. Além disso, acrescenta-se no fim da premissa uma defesa da divindade de Jesus, que vive e reina com Deus Pai na unidade do Espírito Santo, Deus pelos séculos dos séculos. Nota-se, a partir dessa análise, como uma palavra mal-empregada pode mudar o sentido e o entendimento da premissa apresentada por Ario e como ficou após o Concílio de Niceia.

Nesse contexto, Agostinho demonstrou seu profundo conhecimento sobre a doutrina da fé católica ao apresentar inúmeras passagens das Escrituras em seus escritos, incluindo tanto os livros do Antigo Testamento quanto os do Novo Testamento, sobretudo do Evangelho de São João. Com efeito, ele também se baseou em obras deixadas pelos Padres da Igreja antiga, reafirmando a unidade da Igreja Católica e combatendo as heresias e as alterações das doutrinas cristãs.

Durante o período em que os cristãos se definiam apenas como católicos, apesar das querelas cristológicas, ou seja, das muitas discordâncias sobre a natureza da segunda pessoa da Trindade dentro da filosofia cristã<sup>4</sup>, eles já estavam divididos em arianos, monofisistas, trinitários e iconoclastas. Portanto, houve uma cisma dentro da Igreja.

---

<sup>4</sup> Criada por cristãos convictos, distingue entre os domínios da ciência e da fé, demonstra suas proposições com razões naturais e, não obstante, vê na revelação cristã um auxílio valioso e, até certo ponto mesmo, moralmente necessário para a razão. [...] A filosofia cristã se origina sob a influência consciente da fé cristã. Mas essa influência não é de natureza sistemática, e sim psicológica. A) *A fé preserva a filosofia de muitos erros*: a fé traça à razão certos limites de caráter inviolável. B) *A fé propõe certas metas ao conhecimento racional*: mesmo submetendo-se voluntariamente às exigências da fé, o filósofo cristão não faz da fé o objetivo de sua filosofia. [...] Cabe, pois, à razão analisar e aprofundar as verdades reveladas, procurando lhes descobrir um fundamento acessível ao saber natural, a fim de transformar as convicções religiosas em evidências racionais. É o que fazem os pensadores cristãos quando procuram demonstrar racionalmente, por exemplo, a verdade revelada da criação do mundo. [...] Por outro lado, há verdades que precedem a fé [...] que “Deus existe”. A averiguação de tais verdades não é apenas objetivo desejável: é uma exigência absolutamente impreterível. C) *A fé determina a atitude cognoscitiva do filósofo cristão*: é uma espécie de religião natural ou sucedâneo da religião. É nela que buscam a satisfação de suas

Ainda convém ressaltar que os arianos, conforme visto anteriormente, sustentavam a ideia de que Jesus tinha apenas a natureza humana, logo, não teria a natureza divina, sendo ele apenas homem, e não Deus. Por outro lado, os monofisistas sustentavam a ideia de que havia uma mistura das naturezas divina e humana em Jesus, ou seja, as duas naturezas estavam fundidas em sua pessoa. Isso contrasta de forma total com a doutrina católica, que afirmava a coexistência das duas naturezas em Jesus – a divina e a humana –, o que significa que Jesus é plenamente e verdadeiramente Deus assim como o Pai e é homem ao mesmo tempo.

Por outro lado, os trinitários creem na unidade de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo ou até mesmo na relação das expressões de sua fé como os iconoclastas – os quebradores de imagens, movimento político e religioso em que proibia a adoração de imagens, ou seja, os iconoclastas eram contra a veneração de ícones e imagens religiosas. De fato, em 1054, houve uma ruptura denominada o Cisma do Oriente em que a Igreja se divide entre católicos romanos e católicos ortodoxos.

Os católicos romanos têm como sede Roma – cuja autoridade máxima e infalível é na pessoa do papa – e atuam na Europa Ocidental. Entretanto, os católicos ortodoxos têm como sede Constantinopla, atual Istambul – cuja autoridade máxima é de forma colegiada entre bispos e o Patriarca Ecumênico de Constantinopla (arcebispo de Constantinopla), que é considerado *primus inter pares* (primeiro entre os iguais) –, e atuam na Europa Oriental.

---

necessidades intelectuais e, notadamente, a resposta às questões mais decisivas da vida. O filósofo cristão não pede tal resposta à filosofia; sua concepção do mundo é determinada pela fé, que lhe proporciona uma visão onicompreensiva do mundo e da vida. [...] Sua atitude difere radicalmente da do pesquisador cético e criticista, que não cessa de questionar e reformular indefinidamente os mesmos problemas. D) *A fé determina o sentido do labor filosófico*: seus esforços visam a busca da verdade eterna que é o próprio Deus. Destarte o seu labor filosófico, assume a feição de verdadeira tarefa religiosa, pondo-se a serviço da “edificação” no sentido paulino do termo (Boehner; Gilson, 2012, p. 11-12, grifo dos autores).

### 3. AS RELAÇÕES ENTRE O CRISTIANISMO DE AGOSTINHO E O NEOPLATONISMO DE PLOTINO

É relevante abordar que Agostinho teve contato com o neoplatonismo de Plotino por meio de Porfírio. Com efeito, Porfírio, que foi discípulo e biógrafo de Plotino, colocou em ordem “discursos difíceis e alusivos” em seis dos tratados das *Enéadas* (Brown, 2020, p. 110). Desse modo, o neoplatonismo teve grande influência nas religiões monoteístas – como a mística cristã –, no judaísmo, no islamismo e no movimento renascentista.

O Neoplatonismo foi uma escola filosófica, espiritualista, que surgiu em Alexandria, no Egito, por volta dos séculos III e IV. Desse modo, é baseado na filosofia de Platão (V-IV a.C.). Ademais, o neoplatonismo visava o monismo, ou seja, era uma escola filosófica que afirmava que o ser em toda a sua multiplicidade tinha origem apenas do uno que é Deus, em que há apenas um fundamento, um princípio, uma origem.

Em decorrência disso, o neoplatonismo não visava o mal, problema angustiante a Agostinho, ao qual cessa com os neoplatônicos. Entretanto, quanto mais distante de Deus, há mais imperfeição, e quanto mais próximo de Deus, mais perfeito o ser humano vai se tornando, diferentemente dos maniqueístas, que diziam que em tudo há divisão entre bem e mal – isto é, não existe o mal, pois o mal seria a ausência de Deus.

Uma vez que para os neoplatônicos não há a possibilidade de uma verdade absoluta, o ser humano se aproxima do uno por meio da(o) meditação/intelecto/pensamento. Diferentemente dos cristãos, os quais afirmam veementemente a premissa de que há uma verdade absoluta em Deus. Nota-se que isso difere, também, do pensamento platonista – que só por meio da reminiscência da alma é que se consegue acessar o mundo inteligível. Assim, Agostinho faz uma crítica acerca da reminiscência, exemplificando que, a partir da geometria – uma vez que poucos homens são geômetras e que eles são difíceis de encontrar –, “se fossem apenas recordações de conhecimentos anteriores, nem todos, nem mesmo uma maioria que fosse, poderiam se lembrar ao serem interrogados sobre esse determinado assunto. Pois nem todos devem ter sido geômetras na vida anterior” (Agostinho, 2020, p. 390).

Para Agostinho, os neoplatônicos tiveram um bom êxito em seu pensamento, uma vez que conseguiram alcançar um conhecimento ao qual conseguisse “explicar o inteligível” de Deus. Ou seja,

um conhecimento certo de Deus, não somente sobre a sua existência, que provaram, mas descobriram ainda que Deus é o imutável. [...] Sua alma [de Agostinho] chegou até Aquele que é, o que se identifica com a revelação do Êxodo. A doutrina platônica do Verbo igualmente é análoga à do Prólogo de São João. Agostinho atribui a Porfírio uma teoria da Trindade, compreendendo o Pai, o Filho (chamado Intelecto, o Logos) e ainda uma terceira hipóstase, como intermediário (Agostinho, 2020, p. 390).

Todavia, os pensadores neoplatônicos tiveram um mau êxito na filosofia, por conta do orgulho em não reconhecer a encarnação do Verbo, motivo esse que Agostinho vai dizer que a filosofia grega não é a verdadeira, mas sim a cristã.

Eles conseguiram a admiração dos cristãos pela “bela descrição da estrutura do universo espiritual”, no entanto, os platônicos pagãos não viam os cristãos com bons olhos, pois a visão da redenção, da encarnação, da crucificação e da ressurreição era algo bárbaro (Brown, 2020, p. 124).

Provavelmente ao escrever o prólogo, João, discípulo de Jesus, tenha se utilizado da filosofia grega da concepção de Logos. Afinal, o helenismo<sup>5</sup> já utilizava esse termo e João se encontrava em Éfeso, antiga cidade grega, quando escreveu o Evangelho. No entanto, a partir das especulações acerca do Logos, ele não seria meramente divino nem uma dádiva divina, porém, para João, ele continha um significado mais intenso. Desse modo, o evangelista apresenta o Logos a partir de três aspectos:

*O Logos é Deus e Pessoa: O Logos é o próprio Deus vivo, Filho do Pai, e por meio da encarnação remiu o mundo, e o mundo foi feito pelo Verbo e sem Ele nada foi feito. E o Filho está junto ao Pai. Dessa forma, “a personalidade do Logos e a sua Encarnação, além de constituírem escândalo para os judeus e loucura para os gentios, põem a mais altas exigências à especulação cristã”. Há várias controvérsias trinitárias e cristológicas no início dos primeiros séculos. A filosofia não consegue aprofundar as verdades de fé as quais são inacessíveis à razão e que obtiveram um bom êxito em “esclarecer” pensamentos sobre as perspectivas de pessoa, natureza e hipóstase<sup>6</sup> (Boehner; Gilson, 2012, p. 19, grifo dos autores).*

Os autores continuam:

---

<sup>5</sup> É a passagem do mundo grego antigo para o império romano. Em função da expansão do território romano pelo imperador Alexandre Magno, o grande (323 a.C.), a cultura grega foi difundida para o oriente, para outros povos, difundindo, assim, o pensamento de Platão e Aristóteles. O indivíduo vai olhar para dentro de si, visando a felicidade. As escolas filosóficas desse período são o cinismo, o estoicismo, o epicurismo, o ceticismo, o neopitagorismo e o neoplatonismo.

<sup>6</sup> Com esse termo, Plotino denominou as três substâncias principais do mundo inteligível: o Uno, a Inteligência e a Alma (Enn., III, 4, 1; V, 1, 10), que ele comparava, respectivamente, à luz, ao sol e à lua (Ibid., V, VI, 4). A transcrição latina desse substantivo é ‘substância’, que, todavia, foi usada pela tradição filosófica com significado totalmente diferente (v substância). Nas discussões trinitárias dos primeiros séculos, esse termo foi preferido à pessoa, que, por significar propriamente máscara, parecia evocar a imagem de algo fictício. A partir dessas discussões, passou a designar a substância individual, a pessoa (Abbagnano, 2007, p. 500).

*O Logos como pensamento vivo e pessoal de Deus: O Logos que é Deus contém as Ideias em si mesma. “Não há dúvidas de que [João] encorajou os pensadores cristãos a intercalar no seu contexto [Prólogo] a teoria do filósofo grego [Heráclito]. Se as coisas existem no Logos, essa existência deve necessariamente ter um caráter espiritual e intelectual, uma existência de ideias no espírito de criação divino. Assim, estabeleceu-se uma ligação muito natural entre a doutrina platônica das Ideias e a teodiceia cristã, ou seja, a parte da metafísica que aborda a existência e os atributos de Deus. A tarefa de determinar se o lugar das Ideias é o próprio Logos, que é Deus e está com Deus, ou simplesmente se o intelecto divino, que é idêntico à essência de Deus, foi confiado às futuras especulações (p. 19, grifo dos autores).*

Por fim, Boehner e Gilson (2012) concluem que

*o Logos é a luz do mundo: o discípulo João relata o Logos como luz e sendo luz “ilumina todo o homem”. Essa luz, que é o Logos, é espiritual e é a origem de todo conhecimento. Em outras palavras, sendo simultaneamente o Logos e a luz, era bastante natural que a luz se tornasse o próprio fundamento do mundo. Dado que a luz visível é a analogia mais evidente da luz invisível ou do Logos, ela passa a desempenhar um papel especialmente relevante na compreensão do mundo criado pelo Logos (p. 20, grifo dos autores).*

É evidente que o pensamento neoplatônico, assim como o cristão, tem a ideia de um olhar mais interno, de voltar para dentro de si. No estudo das *Enéadas*, Agostinho faz sua análise com um olhar cristão, e não com a visão grega de Plotino. Assim, automaticamente, coloca o olhar de cristão ao estudar o Prólogo do Evangelho de São João, o qual tem um texto complexo ao entendimento. Nesse sentido, o Verbo de Agostinho se diferencia do Logos de Plotino. Gilson, no trecho abaixo, apresenta essa diferenciação:

O Logos de Plotino não é uma hipótese distinta, como é o Verbo cristão; ele emana ao mesmo tempo da Inteligência e da Alma do mundo, e o Verbo não. Mesmo se o Logos fosse uma hipótese, ele seria uma quarta pessoa divina, o que é contraditório com o dogma da Trindade. De fato, o único análogo plotiniano ao Verbo é o *νοῦς* [noûs ou mente], que também é um “logos”, o Logos do Uno, como a Alma é o Logos da Inteligência (Enn., V, 1, 6, linhas, 44-48; t. V, p. 23). Esse *νοῦς* é uma imagem do Uno (Enn., V, 1, 6, *ibid*), seu primeiro nascimento (Enn., V, 2, 1, linhas, 4-13; t. V, p.33); ele se assemelha ao Uno como seu princípio e aquilo do qual ele é o Logos (Enn., V, 5, 10; linhas 10-14; p.102). Agostinho, portanto, realmente leu Plotino e leu no tratado *Sobre as Três Substâncias*<sup>7</sup> Principais, que citou formalmente (De civ. Dei,

---

<sup>7</sup> A primeira determinação é designada por Aristóteles com a expressão (*esse*), que pode ser traduzida como essência necessária; com efeito, ao pé da letra, essa expressão significa aquilo que o ser era, onde o imperfeito "era" indica a continuidade ou estabilidade do ser, seu ser desde sempre e para sempre. A essência necessária é expressa pela definição e objeto do conhecimento científico. A segunda determinação relaciona-se com a primeira: é substância o que existe necessariamente. Aristóteles diz: “Temos ciência das coisas particulares só quando conhecemos a essência necessária das mesmas, e com todas as coisas ocorre o mesmo que ocorre com o bem: se o que é bem por essência não é bem, então nem o que existe por essência existe, e o que é uno por essência não é uno; e assim com todas as outras coisas” (Met., VII, 6, 1031 b 6). Aristóteles aduz esse argumento contra a separação que Platão faz entre a ideia e as coisas, mas, obviamente, esse argumento significa que tudo é o que é em virtude da essência necessária (que é a sua causa intrínseca ou extrínseca) e que, portanto, tudo o que há de real ou de cognoscível nas coisas faz parte essência necessária e existe necessariamente (Abbagnano, 2007, p. 925).

X, 23; P. L., t. 41, c. 300) uma doutrina do *vous* semelhante à doutrina joanina do Verbo. Entretanto, as duas hipóstases [Inteligência e Alma], eternamente engendradas e copresentes ao primeiro princípio [Uno], diferem-se profundamente. Inicialmente, o Verbo não é somente o primeiro engendrado pelo Pai, é o único engendrado por ele, o que não equivale ao *vous* de Plotino. Em seguida, esse *vous* de Plotino não é Deus no mesmo sentido que o Uno é Deus; ele está abaixo da divindade, ao passo que o Filho e o Pai são Deus no mesmo sentido. Enfim, o *vous* de Plotino é inferior ao Uno, ao passo que o Filho da trindade cristã é igual ao Pai (Gilson, 2010, p. 398, grifo nosso).

Todavia, Agostinho não teve contato direto com as obras escritas em grego, mas usou as traduções de seu contemporâneo Mário Vitorino, em latim, para seus estudos. Vale destacar que isso trouxe um problema para as traduções latinas, porque os termos filosóficos em grego nem sempre são traduzidos com exatidão, fazendo com que alguns conceitos e certas palavras/frases em latim fiquem distorcidos.

Agostinho foi professor de gramática e, como um bom gramático, estudou sobre os termos substância e essência. Pois Deus, de acordo com ele, é substância ou essência. Observa-se que o bispo de Hipona vai utilizar as categorias aristotélicas de substância e os acidentes de relação para definir Deus. Aliás, ao diferenciar a relação de Deus nas três pessoas divinas (Pai, Filho e Espírito Santo), o autor usa a categoria de relação, enquanto na substância não é possível compreender quando é falado a respeito de Deus, uma vez que em Deus não há acidentes. Por isso, Agostinho utiliza os termos substância ou essência ao tentar definir Deus – pois a alcunha substância “ajuda” na compreensão do conceito essência.

Tratando-se de Deus, o termo substância não é por si só claro, prejudicando a sua compreensão, nem sequer é agradável a Agostinho, pois “deriva de *sub* e *stare*: o que está sob” (Agostinho, 2020, p. 598). Com efeito, o autor utiliza o termo substância – do grego antigo οὐσία (*ousia*) – para explicar Deus “como uma substância: o ser que subsiste por si. [...] Esse conceito implica o de acidente. [Dessa forma], [...] acidente é aquilo que sobrevém a alguma coisa – o modo pelo qual o ser existe –, algo que não pode existir por si mesmo, mas unicamente em algum sujeito” (p. 599). Assim, para Agostinho, Deus não é passível às mudanças e às transformações, uma vez que Deus é imutável.

Já o termo essência, o qual Agostinho vai preferir utilizar ao se referir à essência imutável de Deus, ou seja, o termo ser – em grego, no latim *esse* – procede de essência, ele prossegue no estudo das origens das palavras: “Assim como a palavra sabedoria vem do verbo conhecer com sabor (*sapere*) e ciência procede do verbo saber (*scire*), assim essência é termo derivado do verbo ser (*esse*). E de quem se pode dizer com mais propriedade que é” (Agostinho, 2020, p. 193). Nesse momento, o autor complementa a sua argumentação, utilizando a passagem bíblica do livro Êxodo, capítulo 3, versículo 14, do Antigo Testamento, em que

Moisés pergunta a Deus como falará aos filhos de Israel quem o havia enviado. Desse modo, Deus lhe responde que deve falar que “Eu Sou o que Sou, Aquele que é” (Ex 3:14).

Ademais, Agostinho realizou ajustes na metafísica do Uno, por meio das três hipóstases ou princípios (*arché*), sendo o primeiro o Uno ou o Bem, o segundo o Intelecto e o terceiro a Alma. Ou seja, ele acabou por sair da teoria neoplatônica e se dirigir para o cristianismo nas três pessoas divinas, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Melhor dizendo, conforme a filosofia agostiniana, assim como os Padres da Igreja antiga, ocorreu, assim, uma junção da metafísica grega com a revelação divina dos judeus e dos cristãos – em outras palavras, Agostinho vai unir razão e fé.

Leve-se em consideração que das três hipóstases – o Uno ou o Bem, o Intelecto e a Alma –, o Uno ou o Bem é o que mais demanda um grande esforço para a sua compreensão, caracterizando-se como uma das três bases fundamentais do pensamento plotiniano. Com efeito, o Uno exige muita atenção e cuidado ao ser exposto no pensamento e na palavra, pois pode ajudar ou até mesmo dificultar o entendimento a respeito do Uno, conforme explica John Bussanich (2017) no trecho a seguir.

Pensamento e palavra adquirem maiores ou menores graus de clareza e acuidade [entende-se as coisas com maior facilidade, o que é difícil para a grande maioria das pessoas] na proporção de sua proximidade com o próprio Uno. A existência do Uno não é posta em dúvida: de outro modo, pensamento e palavra seriam impossíveis (VI.6.13.44-49). Mas o primeiro princípio do pensamento requer que o Uno transcenda a determinação do ser e do mais elevado tipo de pensamento (cf. VI.9.4.1-16). As discussões acerca do primeiro princípio, portanto, normalmente ultrapassam os limites do raciocínio e insistem na análise e na conceituação transcendentais (Bussanich, 2017, p. 55-56).

Destaca-se, na sequência, um outro fragmento que diz o quão complexa é a explicação plotiniana sobre o primeiro princípio, que é o Uno. Inclusive, no próximo capítulo, será vista essa mesma complexidade. Na perspectiva cristã, observa-se também a falta de palavras para exprimir o que é Deus, o que é a Trindade – essa semelhança a partir do ensinamento grego plotiniano:

Ele [Uno] é tudo e nada, está em toda parte e em parte nenhuma. O Uno é a fonte (arché) de todos os seres e, como o Bem, a finalidade (*telos*) de todas as aspirações, humanas e não humanas. Como primeiro princípio indemonstrável de todas as coisas, como ser infinito transcendente e como supremo objeto de amor, o Uno é o centro de uma vibrante concepção da realidade da qual muitas facetas resistem à análise filosófica. Plotino crê que os esforços para se entender ou definir a natureza do Uno estão destinados a serem inadequados. Falamos acerca do Uno, mas na realidade, tais esforços apenas resultam em “elaborar, para nós mesmos, significados a seu respeito”; não é possível para ninguém dizer o que ele é (V.3.13.7,14.1-7) (Bussanich, 2017, p. 55-56).

Plotino, na segunda hipótese, que é o Intelecto ou a inteligência, que é o Filho, o Logos, o utiliza na explicação da origem e da criação de tudo o que existe no mundo, uma vez que Deus Uno faz parte da criação. Por meio de Platão, a partir do “mundo das ideias” em *Timeu*, essa explanação apresenta a natureza divina de Jesus, que “pelo qual e por meio do qual todas as coisas vieram a existir” (Amaral, 2017, p. 128). Assim, Plotino “insistirá no fato de que o Uno está em tudo, mas nada pode estar no Uno” (p. 128).

Finalmente, a terceira hipótese, a Alma platônica, a qual é o Espírito Santo, a interposição entre as duas primeiras hipóteses – Uno e Intelecto –, traz que a Alma é o Espírito Santo e que ela está entre o Pai e o Filho. Agostinho, ao que ele se refere em *A Cidade de Deus*, vai dizer que Porfírio não deixa claro a natureza da alma, pois o Espírito Santo não é só o Pai nem só o Filho, mas a mistura dos dois (Amaral, 2017, p. 172). Sobre o assunto, eis a seguinte afirmação:

A diferença entre ambas as tradições a esse respeito deveria residir na verificação de que a Alma é para o neoplatonismo universal, impessoal e vivificadora de todo o Cosmos sensível, enquanto o Espírito Santo não só permanece em um mesmo grau de dignidade em relação às outras pessoas divinas que o engendram (o Pai e o Filho), mas constitui-se neles mesmos (consustancialidade). Por fim, diferença crucial, Agostinho chama as hipóteses plotinianas de “substâncias e princípios”, quando não o são propriamente nem uma coisa nem outra para o próprio autor das *Enéadas* e para a tradição platônica de uma forma geral (Amaral, 2017, p. 172).

Segundo Agostinho, o Primeiro Princípio, o Ingênito – Uno, Deus Pai –, é o ser por excelência que não é divisível, mas que tem a mesma essência e a mesma unidade. Porém, cada pessoa da Trindade age de modo distinto. Deus Pai é o criador do Universo e de tudo o que nele há, concebeu ao iniciar do nada, e não de um Segundo Princípio, o Intelecto, mas sim do próprio Uno. Já o Segundo Princípio, o Filho, o Verbo que foi engendrado do Pai, foi gerado pelo poder do Espírito Santo, que é o Terceiro Princípio, a Alma, a qual é a mediadora entre o mundo sensível e o mundo inteligível e que está no “meio” entre Deus Pai e Deus Filho.

#### 4. TRATADO DA TRINDADE

No tratado da Trindade, Agostinho apresenta aos seus leitores a abundância de argumentos que a questão trinitária traz, por meio do Novo/Antigo Testamento, para as investigações psicológicas e filosóficas. Em *A Trindade*, essas análises são divididas em dois momentos: a teológica e a especulativa. Os primeiros sete livros têm como base as Sagradas Escrituras, sustentados pelos concílios e pelos Padres da Igreja. Já nos oito restantes, Agostinho busca definir e distinguir claramente a questão trinitária e “propõe a justificação e os fundamentos lógicos e metafísicos, adotando como ponto de partida a observação psicológica da mente humana” (Agostinho, 2020, p. 563). Por meio da psicologia, há a utilização de analogias e imagens de indícios da Trindade no homem. Aliás, *A Trindade* é uma obra bem detalhada pelo pensamento agostiniano.

Em certos momentos, em seus escritos, Agostinho demonstra um cuidado e uma preocupação para com seus leitores pela complexidade do tema abordado. De fato, não é tarefa simples escrever algo cuja compreensão das pessoas em relação a Deus Uno e Trino se expresse de modo confortável, sem dificuldades da razão humana.

Por essa razão, em determinados trechos, a obra se apresenta em forma de oração, narrativa para que Deus possa ajudá-lo da maneira mais clara possível nessa investigação árdua, unindo fé (por meio da doutrina cristã) e razão (por meio do intelecto). Isso é essencial para a fé cristã: a harmonia entre fé e razão, uma não se separa da outra. No trecho abaixo, observa-se como Agostinho abordava, de modo um tanto quanto angustiante e com profundidade, o mistério trinitário de Deus:

Começo agora a tratar de temas que não podem ser expressos por homem nenhum, nem certamente por nós mesmos, na medida que são pensados. Pois nosso pensamento, ao refletirmos sobre Deus Trindade, sente-se distanciados daquele em quem pensa e não consegue compreendê-lo tal como ele é. Pois como está dito: *Ele é visto apenas em espelho e de maneira confusa* (1 Cor 13,12). [...] Peço ajuda ao Senhor nosso Deus para entender e explicar o que pretendo e suplico-lhe perdão se o ofender, pois a ele deve dirigir-se sempre o nosso pensamento, sem que dele nada possamos pensar dignamente. A ele devemos render, em todo o tempo, nossos louvores e bendizê-lo, sem que haja palavra nenhuma capaz de dá-lo a conhecer. Tenho muita consciência não só de minha boa vontade, mas também de minha fraqueza. [...] Com que ato de inteligência quer o homem entender a Deus se ele nem mesmo é capaz de entender a própria inteligência com a qual pretende entender a Deus? (Agostinho, 2020, p. 191-192).

A Trindade é a unidade de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo em única essência ou substância. É importante ressaltar que Agostinho se baseia muito nas Sagradas Escrituras para a produção de suas obras – e em *A Trindade* não seria diferente, por se tratar de uma obra dogmática, logo, a Trindade é composta pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, representando uma única essência divina cuja a igualdade da substância é inseparável.

Assim, não está diante de três deuses, mas apenas de um único Deus. O Pai gerou o Filho e, por isso, o Filho não é a mesma coisa que o Pai. De maneira similar, o Filho foi gerado pelo Pai, tornando o Pai distinto do Filho. Quanto ao Espírito Santo, ele não é nem Pai nem Filho, mas sim o Espírito que provém tanto do Pai quanto do Filho, sendo igual a ambos e fazendo parte da unidade trinitária divina (Agostinho, 2020, p. 31).

E no que refere-se ao Verbo, a segunda pessoa da Trindade veio ao mundo por meio do Espírito Santo, enviado por Deus Pai. Assim prossegue o início do Prólogo de São João, no qual afirma que “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus”. Agostinho diz que, nesse trecho, está muito compreensível que o Filho único do Pai é, de fato, o Verbo de Deus, isto é, Jesus – e Jesus é Deus verdadeiro, luz da luz, é um só com o Pai. O Verbo foi enviado por Deus para se tornar ser humano, por meio de uma mulher (“e o Verbo se fez carne e habitou entre nós”). E segue esse seu raciocínio ainda no Prólogo, uma vez que, no princípio, ele estava com Deus: “Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito do que existe” (Jo 1,2-3).

Isso significa que todas as criaturas foram criadas, concebidas, menos o Verbo, pois ele não é criatura e, não sendo criatura, é consubstancial ao Pai. Em outras palavras, “toda substância que não é Deus é criatura e a que não é criatura é Deus. E se o Filho não é consubstancial ao Pai, é uma substância criada, todas as coisas não foram feitas por ele. Ora, está escrito: tudo foi feito por ele; portanto, é consubstancial ao Pai. Assim, não é somente Deus, mas verdadeiro Deus” (Agostinho, 2020, p. 34).

Ao perceber que o Verbo se deu por meio do Espírito Santo enviado por Deus Pai, mostrando assim a atuação distinta das três pessoas da Trindade em completa união, ao mesmo tempo Deus se faz presente nas três realidades divinas – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Conforme explica Agostinho:

*Enviou Deus o seu Filho [de natureza divina], nascido de mulher [de natureza humana], indica com toda clareza que o Filho foi enviado ao lugar onde nasceu formado de mulher. Portanto, enquanto nasceu de Deus, encontrava-se já neste mundo; porém, enquanto nasceu de Maria, chegou a este mundo como enviado. Por isso, não pôde ser enviado pelo Pai sem o Espírito Santo, não somente porque esta insinuado que, quando o enviou, ou seja, quando o fez nascer de mulher, não o fez sem o Espírito Santo, mas também porque o Evangelho testemunha, manifesta e evidentemente [disserta] que a Virgem que perguntava: *Como é que vai ser isso?*. O anjo respondeu: *O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra* (Lc 1,34.35). E Mateus escreve: *Achou-se grávida pelo Espírito Santo* (Mt 1,18). Além disso, no profeta Isaías, o próprio Cristo fala desse modo sobre sua futura chegada: *E agora o Senhor Deus me enviou com seu Espírito* (Is 48,16). (Agostinho, 2020, p. 77-78).*

Deus é invisível, isto é, Ele não pode ser visto a partir de uma circunstância sensível, somente na circunstância inteligível, e também é imutável, ou seja, não muda nunca, é permanente sempre – é o que Agostinho afirma quando diz que “Deus é a única essência imutável”, no tema do livro V, capítulo 2, de *A Trindade*. Sendo a invisibilidade e a imutabilidade de caráter divino, e não humano, logo, Deus “possui a verdadeira e autêntica imortalidade” (Agostinho, 2020, p. 88). Aliás, imortalidade essa tão desejada pelos seres humanos, meros mortais.

Segundo Agostinho, algumas pessoas, principalmente os inimigos da Igreja, os heréticos e os pagãos, têm certa dificuldade para entender que a Trindade não se trata de três deuses distintos, mas de um “único” Deus na pessoa do Pai, do Filho e do Espírito Santo, cada um atuando de modo inseparável o agir de Deus. Deus Pai não é visível aos olhos, basta ouvir Sua voz, e não a da Trindade, mas sim a de Deus. Conforme o autor, houve duas ocasiões em que foi possível ouvir a voz do Pai ao pronunciar “tu és meu Filho” (Mc 1,11).

O primeiro momento foi quando o Filho, a segunda pessoa da Trindade, foi batizado por João Batista, já o segundo ocorreu no Monte Tabor, fato que ficou mais conhecido como a Transfiguração. Por certo, somente o Filho, o Verbo, Jesus, se encarnou e nasceu da Virgem Maria, padeceu, morreu, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia e subiu aos céus.

Com efeito, aconteceram duas situações em que o Espírito Santo se manifestou em forma de algo “visível”: quando a terceira pessoa da Trindade tomou a forma de uma pomba e desceu dos céus para o batismo de Jesus por João Batista, no Rio Jordão, e também após a ascensão de Jesus, denominada de Pentecostes, quando veio do céu um vento impetuoso tal como línguas de fogo sobre Maria e os discípulos.

Nem todos os sentidos humanos podem “conhecer” a Trindade, e nesta investigação nota-se que, diferentemente do Verbo, que se fez homem e que pôde ser visto, ouvido e tocado pelas pessoas, o Pai não é “conhecido” por meio dos sentidos humanos. Contudo, no trecho

“Senhor, mostra-nos o Pai [...], Aquele que me viu, viu também o Pai [...]. As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai que permanece em mim” (Jo 14, 8-10), diálogo entre Filipe e Jesus, em que o apóstolo questiona Jesus a mostrar o Pai, pois Filipe quer enxergar, por meio da visão, o Pai – em outras palavras, teofania, ou seja, a manifestação da glória de Deus.

O Espírito Santo “não santificou a pomba nem o vento nem o fogo [no caso, do Antigo Testamento, quando Moisés avistou a sarça ardente e a coluna de nuvem durante o dia e, à noite, a coluna de fogo em que acompanhava os hebreus no deserto, após a fuga do Egito] nem os uniu eternamente a si e à sua pessoa, de modo a perfazer com ele uma unidade e uma forma” (Agostinho, 2020, p. 81-82), mas é usado como figuras corpóreas as quais foram usadas pelo Criador às suas criaturas, sendo Deus invisível. Isso significa que não se pode chamar o Espírito Santo “de Deus pomba nem Deus fogo, do mesmo modo como chamamos o Filho de Deus e Homem” (Agostinho, 2020, p. 82).

Sendo assim, Agostinho assegura que “tudo o que se diz de Deus com relação a si mesmo afirma-se também de cada uma das pessoas, isto é, do Pai, do Filho e do Espírito Santo; e ao mesmo tempo da Trindade, não no plural, mas no singular” (Agostinho, 2020, p. 202). A saber, não são três deuses distintos, mas o único Deus na Trindade excelso. Na Sagrada Escritura, em Jo 10,30, está que o Filho fala: “Eu e o Pai somos um, ou seja, o que o Pai é o Filho também O é” – assim, comprova a unidade da essência entre Pai e Filho, e não por relação.

Agostinho vai narrar ainda que não se atreve a dizer a respeito dos sentidos nas aparições do Espírito Santo, seja em forma de pomba, seja como línguas de fogo. Logo, sua essência e sua igualdade é coeterna com o Pai e o Filho, diferentemente na formação da encarnação do Verbo. Mas não se pode esquecer de que Pai, Filho e Espírito Santo têm a mesma essência: os três são um, e a Trindade é absoluta, pois juntos atuam de modo inseparável (Agostinho, 2020, p. 186).

O Espírito Santo existe da mesma unidade e na mesma igualdade de substância entre Pai e Filho. Também, é alguma relação em comum ao Pai e ao Filho – seja o que for, há uma união consubstancial e coeterna –, podendo até ser denominado de amizade, de caridade. É idêntico ao Pai e ao Filho, tendo a mesma substância (Agostinho, 2020, p. 222-223).

Por certo, a explanação sobre a unidade de Deus trinitário traz um perigo: ao se falar da Trindade, não se fale tudo o que é necessário para o entendimento das pessoas, e Agostinho narra essa preocupação, em virtude do hermetismo do tema referido – “por certa nenhuma outra questão existe que ofereça mais riscos de erros, mais trabalho na investigação e mais fruto na descoberta” (Agostinho, 2020, p. 28).

Igualmente, por mais que se fale, sempre há de faltar palavras, adjetivos que possam expressar o vínculo da Trindade e o que é. Assim sendo, o bispo de Hipona vai discorrer, portanto, que é necessário crer que a Trindade é

um só e único Deus, grande, onipotente, bom, justo, misericordioso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, e tudo o mais que ele se possa dizer digna e verdadeiramente, conforme a capacidade da inteligência humana. E quando ouvir dizer que o Pai é um só Deus, não separe o Filho e o Espírito Santo, porque com ele são um só Deus. Quando ouvir dizer que o Filho é um só Deus, é mister entender assim, mas sem separá-lo do Pai e do Espírito Santo. E de tal modo, diga que existe uma só essência e não considere a essência de um ser maior ou melhor do que a do outro e diferente em algum aspecto. Contudo, não pense que o Pai é o Filho ou Espírito Santo ou qualquer outra coisa que uma pessoa em separado diga relação às outras, como, por exemplo, o termo “Verbo” se aplica somente ao Filho, e Dom se afirma somente a respeito do Espírito Santo (Agostinho, 2020, p. 256-257).

Pode-se dizer que, para Agostinho, a Trindade opera em cada uma das pessoas de modo inseparável e se revela distintamente por meio do sensível. Ou melhor, “a Trindade atuou na Voz do Pai, na carne do Filho e na Pomba do Espírito Santo (Mt 3,16) [...] e existe em cada um dos seres que servem para representar ou o Pai ou o Filho ou o Espírito Santo” (Agostinho, 2020, p. 187).

Prosseguindo em seus questionamentos, o autor, baseado nas Escrituras, indaga como teriam surgido as vozes, as formas e as figuras sensíveis as quais antecederam na encarnação do Verbo. Em resposta, “foram por Deus mediante os anjos” (Agostinho, 2020, p. 187) – conforme há relatado nas manifestações divinas para Abrão, Lot, Moisés e Daniel, no Antigo Testamento.

Já no caso da encarnação do Verbo, no Novo Testamento, afirma-se as duas naturezas do Filho. Sendo Deus a divina e sendo o homem a humana, “o próprio Verbo de Deus se fez carne, ou seja, se fez homem, não, porém, no sentido de que se tenha transformado e mudado no que se fez, mas de tal modo se fez que nele se encontra não somente o Verbo de Deus e a carne do homem, mas também a alma racional humana” (Agostinho, 2020, p. 187).

Enfatizando-se uma passagem, narrativa exemplar que ilustra bem a profundidade do tema dissertado pelo autor, segue a lenda da Trindade: diz que Agostinho estava a refletir sobre a Trindade e, já cansado, resolveu andar um pouco para espalhar seus pensamentos. Assim, enquanto

passava este à beira-mar quando encontra uma criança ocupada a passar, com uma concha, a água do oceano para um pequeno buraco cavado na areia. Responde a criança, que se revela um anjo, e Agostinho espantado diante dessa vã tentativa: ‘Seria mais fácil fazer entrar o mar neste buraquinho do que para ti explicar a mínima parcela do mistério da Trindade’ (Agostinho, 2020, p. 564).

Em síntese, é extremamente complexa a falta de linguagem humana para a compreensão do mistério trinitário. Não se consegue designar um vocábulo preciso para tratar sobre a Trindade, e por vezes Agostinho se viu repetir constantemente as mesmas palavras para uma explanação coerente e plausível, a fim de que as pessoas pudessem ter um entendimento acerca da temática. De outro modo, para que as pessoas pudessem compreender na medida do possível algo que, para o seu entendimento, necessita ter fé e crer naquilo que não se vê.

## 5. A IMAGEM DE DEUS

Como discorrido anteriormente, de acordo com Agostinho, não há palavras suficientes que possam, de fato, definir Deus. Por isso, há uma repetição dos mesmos termos. “Deus, sendo o ser absoluto, não é nem sábio, nem forte, nem justo; antes, a sabedoria, a força e a justiça. É Deus, pois confundem-se nele com o ser dele: Deus não tem atributos, ele os é” (Gilson, 2010, p. 414).

Paralelamente a isso, o homem é a imagem de Deus, pois o ser humano está acima de outros animais, o único ser que possui o dom da razão, ou seja, tem discernimento. Ademais, busca-se o entendimento de Deus a partir do próprio homem, que é a imagem da Trindade – e Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26).

Segundo Gilson, “Deus é mais inacessível ao pensamento quando considerado na Unidade de sua natureza; Deus é ainda mais inacessível, se isso for possível, considerado em sua Trindade” (2010, p. 416). De acordo com o autor, somente o homem conta, por meio da dignidade, com a imagem da Trindade, a qual não é encontrada em toda a natureza: “No homem, ela pertence propriamente apenas à sua alma; na alma, ela pertence propriamente apenas ao pensamento (*mens*), que nela é a parte superior e mais próxima de Deus” (Gilson, 2010, p. 416-417).

Primordialmente, é necessário ter fé para poder crer naquilo que não se vê, diferentemente dos apóstolos que viram, tocaram e vivenciaram a segunda pessoa da Trindade. Agostinho questiona como pode ser possível alguém amar algo ao qual não se conhece. Em seus escritos, ele responde que não é possível amar a Deus sem conhecê-lo. Enfim, ao conhecer Deus, contempla-se com os olhos da mente, pois “Ele não é um corpo para que possamos divisá-lo e percebê-lo com os olhos corporais” (Agostinho, 2020, p. 267).

Em outras palavras, não se conhece a Trindade por meio do sensível, do inato ou até mesmo da fé, mas sim a partir de “noções ideais e imutáveis: a verdade, o bem, a justiça. Temos essas noções em nós mesmos, mas elas não vêm de nós. Vemo-las à luz de Deus e ao mesmo tempo ‘vemos Deus’ nelas, o quanto isso é possível. Logo, essa espécie de conhecimento provém do amor, pois só são descobertas por adesão amorosa” (Agostinho, 2020, p. 618).

A sede por Deus faz com que o homem busque a Deus para contemplá-lo. Nesse contexto, entende-se que são realidades incompreensíveis as quais devem ser buscadas e que, assim sendo, não há motivo para desistir da investigação do incompreensível – muito pelo contrário, deve haver uma apuração em sua busca, pois uma hora há de encontrá-lo. Isso mostra

que o amor leva a uma busca insaciável por Deus e que é solucionada por meio da fé. “A fé busca, o entendimento encontra” (Agostinho, 2020, p. 481).

Ademais, a fé encontra Deus e o entendimento faz com que não haja interrupções pelo caminho, mas que prossiga, sem desistir no entendimento a Deus. Conseqüentemente, Agostinho explica que, por meio da fé, o homem utiliza de sua inteligência para buscar a Deus, citando uma passagem das Escrituras, em Isaías 7,9: “Se não credes, não entenderéis, ou seja, é por meio da fé que é possível crer em algo ao qual não se enxerga, no entanto, se assim não for não terá a capacidade de entender”.

Agostinho diz que, no cotidiano, há a relação de crer sem ser visto, pois acredita-se no afeto de um amigo sem ver esse afeto, porém, ele está lá. Desse modo, “na vida social, também se crê em muitas coisas sem que as vejamos. [Nesse sentido], a boa vontade do amigo não se vê, porém, se crê nela” (Contaldo, 2019, p. 120).

Ao refutar quem se diz sábio em querer ver com olhos humanos, Agostinho preconiza que, “para confutar àqueles que consideram prudente não querer crer no que não pode ver, ainda que sejamos inaptos a mostrar aos olhos humanos a realidade divina na qual cremos, ainda assim mostramos à mente humana que se deve crer também nas coisas que não se veem” (Contaldo, 2019, p. 120-121).

Outro ponto para Agostinho é a utilização da memória intelectual por meio da sabedoria. Nesse contexto, a sabedoria é uma condição de Deus, e o autor a cita em várias passagens do tratado sobre a Trindade, a fim de provar a coeternidade do Filho e do Pai contra os argumentos da doutrina ariana: “O Filho é Sabedoria da Sabedoria, como é Luz da Luz” (Agostinho, 2020, p. 703). O homem, ao contemplar os bens eternos, é capaz de amar e conhecer a Deus, e é a graça de Deus quem ilumina a mente humana. Com efeito, o homem é dotado de memória, inteligência e vontade, as quais se distinguem umas das outras por meio de suas ações.

Já em Deus,

cada uma das três pessoas recorda-se, compreende e ama. As faculdades são perfeições de sua essência mesma. Além disso, cada pessoa é ao mesmo tempo memória, inteligência e vontade [há unidade das três em cada uma das pessoas]. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus e não diferem entre si, a não ser pela operação de suas relações mútuas (Agostinho, 2020, p. 705).

Logo, Deus é a própria sabedoria e o próprio amor, e por isso não há a separação das pessoas trinitárias, do Filho que conhece e do Espírito Santo que ama, pois são inseparáveis em sua unidade.

Todos os seres existem como são em virtude da participação nas ideias divinas, contudo, faz-se necessário ir além da participação e expandir a participação em si. Em razão da forma de como as coisas imitam as ideias, tudo o que existe há uma semelhança com Deus. Só para exemplificar, a Castidade, a Sabedoria e a Beleza, por meio da participação de Deus, tornam-se as almas castas, sábias e belas, pois “se todas as coisas são o que são porque se assemelham à outra, necessariamente deve haver uma Semelhança, por participação na qual todas as coisas semelhantes são semelhantes” (Gilson, 2010, p. 398).

O autor continua a sua investigação acerca da imagem em Santo Agostinho e questiona o que seria uma imagem. Responde em seus escritos que não se deve confundir semelhança com espécie, pois alguma coisa pode ser semelhante a outra e não ser, de fato, a imagem, mas sim algo que seja parecido com a imagem. Desse modo, o Pai engendrou o Filho; portanto, o Filho é semelhante e perfeito no Pai, contudo, o Filho não é Deus Pai, mas é Deus Filho.

Toda imagem é semelhante àquilo que é a imagem, mas a recíproca não é verdadeira, porque nem tudo que é semelhante a outra coisa é imagem. Para uma semelhança ser imagem, é necessário que seja uma semelhança entre um ser engendrado e aquele que o engendra. Nesse sentido, a semelhança de si mesmo que um homem engendra num espelho é verdadeiramente sua imagem, pois é ele quem a produz; pela mesma razão, o Verbo pode ser dito imagem de Deus, posto que o Pai lhe engendra como a perfeita semelhança de si mesmo. A relação inicial de Deus consigo mesmo pela qual ele exprime totalmente na Imagem em si, que é o Verbo, é a fonte e o modelo de todas as relações que permitirão às criaturas virem a ser e subsistirem (Gilson, 2010, p. 399-400).

Em primeiro lugar, a imagem e a semelhança de Deus é somente a partir da natureza humana: o homem recebeu a dignidade de semelhança da Trindade, semelhança essa que não foi encontrada em nenhuma parte da natureza, pois no homem está a sua alma e na alma está o pensamento (*mens*) – e o pensamento é o que mais se aproxima de Deus. A imagem de Deus está modificada no homem por conta do pecado, e ela se renova a partir da graça divina.

Em segundo lugar, Agostinho desenvolveu, em *A Trindade*, uma linha de raciocínio a partir do pensamento (*mens*), utilizando três analogias em que há a probabilidade da imagem de Deus no homem. Neste trabalho, não serão analisadas essas analogias, mas somente apresentadas ao leitor: (1) *mens, notitia, amor*; (2) *memória sui, intelligentia, voluntas*; (3) *memoria Dei, intelligentia, amor*.

Por mais que a alma humana se esforce, por meio do intelecto, para uma compreensão acerca da Trindade divina, há uma distância muito grande entre o homem e a própria Trindade. Dessa forma, o ser humano e tudo que o pertence é finito e limitado. Quando se consegue algum esclarecimento de algo tão complexo, acerca da divindade trinitária, é simplesmente feita; e

quando é feita, isso se faz por meio da revelação divina, a qual só é “aprovada” se estiver de acordo com a tradição cristã. Já a Trindade é infinita e ilimitada, ela não está contida em Deus, ela é o próprio Deus em três substâncias.

Em *Confissões*, em sua busca insaciável por encontrar Deus, Agostinho cita que é possível encontrá-lo dentro da memória do ser humano, uma vez que em Deus nada se pode alterar. Assim, o autor segue a sua poesia, a sua narrativa, a sua oração, a sua súplica a Deus, pedindo para que lhe conceda um local ao qual possa definitivamente encontrá-lo:

Onde residis, Senhor, na minha memória? Em que lugar aí estais? Que esconderijo fabricastes dentro dela para Vós? Que santuário edificastes? Dignastes-Vos tributar esta honra à minha memória, mas o que eu pretendo saber é em que partes habitais. Ao recordar-Vos, ultrapassei todas aquelas partes da memória que os animais também possuem, porque não Vos encontrava entre as imagens dos seres corpóreos. Cheguei àquelas regiões onde tinha depositado os afetos da alma. Nem mesmo lá Vos encontrei. Entrei na sede da própria alma, na morada que ela tem na memória – pois o espírito também se recorda de si mesmo –, e nem aí estáveis. Assim como não sois nem imagem corpórea nem afeto de ser vivo, qual é a alegria, a tristeza, o desejo, o temor, a lembrança, o esquecimento e outras paixões semelhantes, assim também não podeis ser o meu espírito, porque sois o seu Senhor e o seu Deus. Tudo isso muda. Vós, porém, permaneceis imutável sobre todas as coisas, e, apesar disso, dignastes-Vos habitar na minha memória, desde que Vos conheci. Por que procuro eu o lugar onde habitais, como se na memória houvesse compartimentos? É fora de dúvida que residis dentro dela porque me lembro de vós, desde que Vos conheci e encontro-Vos lá dentro, sempre que Vós me lembro (Pessanha, 2000, p. 284).

Portanto, Santo Agostinho, em sua busca insaciável pela imagem de Deus, vai dizer que a semelhança de Deus somente seria perfeita quando os olhos forem perfeitos. E por meio dessa visão, o autor cita um trecho das Escrituras: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas depois, veremos face a face (1Cor 13,12)” (Agostinho, 2020, p. 474). Desse modo, cabe mais uma vez o seguinte questionamento: qual seria o lugar certo da imagem de Deus? Posto que a imagem de Deus foi organizada na alma humana por meio do pensamento (*mens*), então a imagem de Deus estaria na própria alma ou estaria na participação da graça divina? A alma é a imagem de Deus encontrada na memória do homem (Agostinho, 2020, p. 697).

## 6. CONCLUSÃO

Diante do exposto, é muito complexo fazer a distinção e afirmar categoricamente quando Agostinho fala como teólogo ou como filósofo, pois os dois se misturam. Também, não se sabe se ora ele fala de Deus ou se ora fala de epistemologia, pois utiliza argumentos psicológicos e filosóficos em *A Trindade*.

A filosofia platônica, por meio dos ajustes em que Plotino abordou em seus escritos, sobretudo nas *Enéadas*, passando pelos padres da Igreja, entre eles Agostinho de Hipona, foi capaz de introduzir por meio da razão humana a tradição da filosofia cristã, unindo, assim, intelecto e fé para a investigação de conhecer e amar a Deus uno e trino, mesmo diante dos desafios das heresias. As ideias do mundo inteligível dos gregos fazem, por meio das virtudes do ser humano, portanto, uma aproximação ao Deus cristão.

A filosofia grega trouxe o que a doutrina e as Escrituras não conseguiram explicar de modo metafísico a sabedoria cristã. Em relação à segunda pessoa da Trindade, isto é, o que é Logos para os gregos é o Verbo para os Cristãos. No entanto, cabe ressaltar que cada filosofia tem as suas devidas diferenças.

Entre elas pode-se destacar que, para os gregos, as hipóstases são distintas, enquanto para os cristãos não, visto que o que é distinto é a relação, e não a substância/essência. Para os gregos, há quatro hipóstases, já para os cristãos são três – Pai, Filho e Espírito Santo. Para os gregos, Deus não tem o mesmo sentido que o uno para os cristãos, uma vez que, para os cristãos, a Trindade tem a mesma divindade.

Pois, segundo Agostinho, a filosofia grega não é a verdadeira filosofia e, por conta disso, teve que ser alinhada, endireitada, para a doutrina cristã. A verdadeira filosofia, para o autor, tem que ser capaz de oferecer ao homem não somente os fins, mas os meios que se fazem necessários para a verdadeira filosofia, que é a cristã.

Existe uma distância enorme entre a natureza de Deus e a do ser humano: o homem foi criado à imagem e à semelhança de Deus, enquanto Deus – que é o Sumo Bem, o Perfeito, o Infinito, o Imutável, o Incorpóreo, o Eterno, o Absoluto, não gerado, o Princípio, enfim – não pode ser pensado sob os mesmos atributos humanos; logo, o ser humano é imperfeito, finito, mutável, corpóreo – é apenas criatura. Da mesma forma, a perfeição da Trindade se mistura com a essência em cada uma das três pessoas – ou seja, a Trindade é o próprio Deus – e elas não estão contidas em Deus, diferentemente do homem, ao qual Deus está contido nele.

Por fim, conclui-se que Agostinho acaba reconhecendo que, mesmo realizando uma longa reflexão, tremenda investigação por meio das Escrituras Sagradas, as obras dos antigos

padres da Igreja – pelas traduções do grego para o latim de Mário Vitorino dos textos de Plotino, escritos por seu discípulo Porfírio, apresentados por Ambrósio de Milão no processo de conversão ao cristianismo de Agostinho e discorridos sobre o mistério trinitário – não foram capazes de mostrar algo similar a Deus. A Trindade apresenta ao leitor uma relação de amor e intimidade que Agostinho tem por Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – ou seja, a Trindade em si.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da primeira edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi e revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. **A Trindade (De Trinitate)**. Coleção Patrística. Tradução do original latino e introdução de Agostinho Belmonte e revisão e notas complementares de Nair de Assis Oliveira. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2020.
- AMARAL, Ronaldo. **As origens platônicas da cosmovisão cristã: a gênese do Universo e do Homem entre o último período antigo e o alvorecer da Cristandade**. Campo Grande: Life Editora, 2017.
- BERARDINO, Angelo Di. Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs. Tradução de Cristina Andrade. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Tradução de Raimundo Vier. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BROWN, Peter Robert Lamont. **Santo Agostinho: uma biografia**. Tradução de Vera Ribeiro. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- CONTALDO, Sílvia Maria. Agostinho: a fé tem olhos próprios. **Trans/Form/Ação: revista de filosofia**, Marília, ed. especial, v. 42, p. 115-134, 2019.
- FERREIRA, Franklin. Deus Trindade: Agostinho de Hipona e o dogma trinitariano. *In*: Felipe Sabino de Araújo Neto (org.). **A sistemática da vida: ensaios em honra a Heber Carlos de Campos**. 1. ed. Brasília: Monergismo, 2015, p. 391-408.
- FRANGIOTTI, Roque. **História das heresias (séculos I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- GERSON, Lloyd P. **Plotino**. Tradução de Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.
- GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- HOFFECKER, W. A. Maniqueísmo. *In*: ELWELL, W. A. (ed.). **Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã**. v. 2. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- PESSANHA, José Américo Motta. Confissões. *In*: PESSANHA, José Américo Motta. **Santo Agostinho: vida e obra**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- RIST, John. Plotino e a filosofia cristã. *In*: GERSON, Lloyd P. (org.). **Plotino**. 2. ed. Tradução de Mauricio Pagotto Marsola. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

**Vida e obra de Santo Agostinho.** Disponível em: <https://agostinianos.org.br/santo-agostinho/obra/>. Acesso em: 27 out. 2024.